

**REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE LITERATURA MENOR,
DE DELEUZE E GUATTARI, E SOBRE O CONTO
“CEGO ESTRELINHO”, DE MIA COUTO**

Silvana Silva Batista (UFT)
silvana_frederik@hotmail.com
Priscila Venâncio Costa (UFT)
priscilavencio@gmail.com

RESUMO

Neste texto, apresentamos o conteúdo literário do escritor moçambicano Mia Couto, relacionando-o ao conceito de ‘literatura menor’, proposto por Deleuze e Guattari. Tendo esses filósofos como principais fontes teóricas, revisamos as principais características da literatura menor, revelando-as na produção literária de Mia Couto, por meio de uma análise do conto “Cego Estrelinho”; e apontamos para a necessidade de uma literatura menor, na escola, como um exercício realizado a partir de um campo literário que possibilite a criação do novo, a afirmação das singularidades e o encontro com a alteridade. Trata-se de pesquisa bibliográfica desenvolvida no Programa de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura, da Universidade Federal do Tocantins, e no PROFLETRAS, da mesma universidade.

Palavras-chave:

Literatura menor. Mia Couto. Conto “Cego Estrelinho”.

1. Introdução

O que vem a ser a literatura? Responder a essa questão não parece ser tarefa fácil quando nos deparamos com uma enorme variedade de conceitos possíveis e de ressignificações pelas quais esses conceitos podem passar ao longo das épocas. Contudo, é preciso convir que, quando ouvimos falar em literatura, logo nos vem à mente os grandes escritores consagrados e as obras legitimadas pelas políticas canônicas, como constituintes do patrimônio literário da nação. Aqui, evidenciamos a existência de uma literatura dos “menores”, aquela que, por uma série de critérios – estéticos, internos, características de marginalidade, tipos sociológicos, as próprias qualidades do autor, o fato de pertencer à cultura periférica, critérios históricos ou historiográficos (BATALHA, 2013) – é, infelizmente, excluída e pouco conhecida ou apresentada na escola.

Neste artigo, apresentamos a produção literária do escritor moçambicano Mia Couto, em especial, o conto “Cego Estrelinho”, relacionando essa obra ao conceito de literatura menor, proposto pelos filósofos Deleuze e Guattari. Para tanto, revisaremos, inicialmente, as principais características dessa qualidade literária menor; em seguida apresentaremos uma síntese da narrativa, destacando as peculiaridades que lhe conferem o caráter de literatura menor, junto a um conjunto de reflexões e a uma curta análise dos componentes que constituem a obra.

Objetivamos, com este artigo, apontar para a necessidade da abordagem da literatura menor no contexto escolar, por acreditar que o contato com essa categoria literária pode abrir possíveis caminhos para que alunos e professores possam criar um campo educacional de afirmações de subjetividades, enaltecimento de minorias, criação do novo e respeito para com as diferenças.

2. O que é Literatura Menor?

O conceito de literatura menor, proposto pelos filósofos Deleuze e Guattari, tem sua noção vinculada diretamente e principalmente ao conceito de ‘desterritorialização’, também elaborado por esses filósofos. A desterritorialização está associada às ações de descaracterização, criação e fuga de padrões. Desterritorializar significa, portanto, procurar novo, romper vínculos com padrões limitadores em benefício de uma liberdade de produção autônoma e singular. Esse desejo, quando imbricado ao conceito de literatura menor, implica:

[...] um deslocamento provocado por uma descaracterização cultural, em função do espaço e da língua, operada por grupos ou subgrupos étnicos, raciais ou culturais que, em dado momento histórico, acham-se submetidos a um processo de marginalização. Construir a consciência de minoria é desviar do padrão, extrapolar o critério de medida já conhecido. É criar o novo, [...] a minoridade [segundo Gilles Deleuze] representa a parte da variação, de diferença e de infração. São esses valores, segundo o autor, que se tornam imperativos para a produtividade do “menor”; assim, pela desterritorialização, toda a problemática social e política penetra no campo literário e imprime uma feição própria à estética dos “menores”. (DELEUZE, 1978, p. 155 *apud* BATALHA, 2013, p. 115)

Essa modalidade literária define-se, portanto, pelo espaço de liberdade no qual as minorias apresentam o que há de real em sua própria vivência, as condições e características peculiares à sua existência. Isso concorre para o

distanciamento dos modelos sócio-políticos padronizadores e generalizados e para uma produção ancorada no contexto vivido de uma subjetividade.

O conceito de literatura menor também está atrelado a critérios valorativos. Que “seria o caso de obras, gêneros e autores, tomados negativamente como produções culturais de margem em relação a modelos canônicos” (*Id., ibid.*, p. 115-16). Falamos, portanto, de produções, que são representadas pelas obras ausentes, esquecidas ou subestimadas pelos discursos oficiais, não estando incluídas no ‘arquivo cultural’ dos grandes textos tradicionais legitimados pela sociedade literária.

A propósito, a noção de maior/menor, apesar de estar ligada a esse processo de seleção e exclusão, não atribui critério valorativo a essas obras marginalizadas, no sentido de conferir-lhes um caráter pejorativo ou inferior; elas, simplesmente, fazem parte de uma multiplicidade de discurso e visões que, infelizmente, não dialogam com as seleções que foram privilegiadas. No campo literário, conforme explica Batalha, com base em Deleuze:

[...] a dualidade maior/menor só pode sustentar-se a partir de um ponto de vista empírico e quase estatístico: para uma época dada, um texto “menor” seria um texto marcado por um desvio negativo com relação a um conjunto de obras de referência (DELEUZE, 1978, p. 155). [...] Isto posto, em uma primeira mirada, as obras excluídas seriam aquelas que não servem para ilustrar a realização idealizada de um cânone, mas expressam, ao contrário, estados intermediários entre escolas e/ou estéticas, que se tornam, desse modo, “incômodas” para a arrumação de uma história literária, organizada em capítulos cronológicos e/ou estilísticos. (BATALHA, 2013, p. 122)

Há, portanto, um conjunto de políticas, critérios burocráticos, entre outros critérios de julgamento e prescrições diversas, que fazem com que um texto “menor” não seja aceito e reconhecido.

Segundo Deleuze, “Uma literatura menor não é uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz de uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 38-9). Essa é a primeira característica dessa literatura: o forte coeficiente de desterritorialização da língua; no sentido de que a mesma passa por fortes modificações. Nessa literatura o escritor desenvolve algo que lhe é próprio, manipulando sua escrita à sua maneira. A “infração de normas ortográficas, aporte da oralidade, adaptações sintáticas são algumas das “heresias” provenientes de sua própria cultura, praticadas do ponto de vista do “menor”, na língua do dominador. O tratamento da língua original operada pelo “menor” retira a aura da sacralidade que a reveste e desencadeia sua força de transformação” (BATALHA, 2013, p. 118). É quando “a

linguagem deixa de ser representativa para tender para seus extremos ou seus limites” (DELEUZE; GAUTTARI, 1977, p. 36).

A segunda característica da literatura menor é que nela tudo é político, isto porque em que seu espaço “faz com que cada caso individual seja imediatamente ligado a política. Contudo, conforme uma explicação de Sílvio Gallo (2002, p. 172), a Literatura menor não traz necessariamente um conteúdo político de forma direta, mas ela própria, em razão do agenciamento que ela é, somente pode ser política. “Sua existência é política: seu ato de ser é antes de tudo um ato político em essência”. O caso individual se torna então mais necessário, indispensável, aumentado ao microscópio, na medida em que uma outra história se agita nele” (DELEUZE; GAUTTARI, 1977, p. 26). A ligação imediata do caso individual com os fatores políticos coloca-o frente a uma grande série de fatores políticos, econômicos, sociais. É como se não houvesse escrúpulos e limitações, há, de fato, uma literatura livre para se conectar a outros signos, provocando “nada menos do que uma sentença de vida ou de morte” (*Ibid.*, p. 26).

A terceira característica é que a literatura menor é coletiva, o escritor escreve sozinho, mas aquilo que ele diz constitui uma ação coletiva, mesmo que os outros não estejam de acordo. Conforme explica Sílvio Gallo:

Nas literaturas menores, tudo adquire um valor coletivo. Os valores deixam de pertencer e influenciar única e exclusivamente ao artista, para tomar conta de toda uma comunidade. Uma obra de literatura menor não fala por si mesma, mas fala por milhares, por toda a coletividade. Os agenciamentos são coletivos. Mesmo um agenciamento singular, fruto de um escritor, não pode ser visto como individual, pois o um que aí se expressa faz parte do muitos, e só pode ser visto como um se for identificado também como parte do todo coletivo. (GALLO, 2002, p. 172-3)

Essa literatura é, portanto, encarregada de uma função de enunciação coletiva de caráter revolucionário; e caso o escritor esteja à margem ou discriminado de sua frágil comunidade, esta mesma situação é que o impulsiona para a condição que o faz exprimir uma outra comunidade potencial, forjando os meios de uma outra consciência, outra sensibilidade, ressignificando-a e desterritorializando-a (DELEUZE; GAUTTARI, 1977).

E nessa qualidade “menor” que se insere as produções literárias de Mia Couto. Batalha, retomando uma expressão de Ana Mafalda Leite, cita que:

A língua portuguesa, que Couto manipula, resultante da variante moçambicana, receptáculo da língua ouvida no cotidiano e transfigurada na es-

crita do autor, procura ajustar tal processo linguístico ouvido, refletindo e construindo, criativa e ludicamente, uma retórica anímica, em que os sentidos recuperam a expressividade de uma significação mais vital e ampla. (LEITE, 2010, p. 160 *apud* BATALHA, 2013, p. 118)

A linguagem do autor é, de fato, dotada de uma criatividade singular. Os neologismos, criados a partir da mistura de palavras e dos sentidos atribuem uma forma belíssima, humorística e expressiva a seus textos. A expressividade nasce justamente dessa criação de sentidos, uma vez que é manifestada através do caráter vivo da linguagem.

O conto “Cego Estrelinho”, que é o recorte para análise contida neste trabalho, é um dos que compõem a coleção *Estórias Abensonhadas* (2012), e como o próprio autor já introduz:

Estas estórias foram escritas depois da guerra. Por incontáveis anos as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique. Estes textos me surgiram entre as margens da mágoa e da esperança. Tudo pensado, definitivo, sem reparo. Hoje sei que não é verdade. Onde restou o homem sobreviveu semente, sonho a engravidar o tempo. Esse sonho se ocultou no mais inacessível de nós, lá onde a violência não podia golpear, lá onde a barbárie não tinha acesso. Em todo esse tempo, a terra guardou, inteiras, as suas vozes. Quando se lhe impôs o silêncio elas mudaram de mundo. No escuro permaneceram lunares. Essas estórias falam desse território onde nos vamos refazendo e vamos molhando de esperança o rosto da chuva, água abensoada. Desse território onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando volta. (COUTO, 2012, p. 2)

Os textos que compõem a coleção retratam, portanto, os instantes da realidade pós-guerra vivida por um povo que caminha em busca de um futuro com dias melhores. Não somente nessa obra, em questão, mais em outras como: “Contos do Nascer da Terra (1997), Na Berma de Nenhuma Estrada (1999) Terra Sonâmbula (1992), Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra (2002)”, o escritor mostra “sua forte relação com o seu espaço e com a sua terra”, retratando, especialmente, o “espaço físico e/ou subjetivo de Moçambique” (MACIEL, 2012, p. 389). A respeito desse aspecto, Silva e Melo (2015, p. 18), comentam, inclusive, que as obras de Mia Couto, em meio a tantas possibilidades de que se pode ocupar, poderiam auxiliar teóricos da literatura e historiadores a ter melhores percepções acerca do contexto da guerra e da independência civil moçambicanas.

A literatura de Mia Couto se refere, portanto, a um contexto particular de uma minoria, a qual o escritor enaltece a partir de seus textos. Segundo Maciel, (2012, p. 389), “Couto é filho de portugueses que emigraram para Moçambique em meados do século XX e participou ativamente da luta

desse país pela independência, na verdade podemos inferir que ainda continua lutando por meio de sua literatura para que a cultura, os valores e os hábitos desse povo sejam valorizados”. A literatura de Mia Couto revela-se como o reflexo de uma situação específica, um recorte temporal e, assumindo um caráter político e coletivo, faz transluzir a subjetividade de uma comunidade e propaga os gritos de uma nação; esses são outros aspectos notáveis que fazem com que essa literatura seja considerada como “menor”.

3. Reflexões e análise do conto “Cego Estrelinho”, de Mia Couto

Para continuar tratando sobre a literatura menor, consideremos, agora, uma análise do conto moçambicano “Cego Estrelinho” (2012), do escritor Mia Couto. No conto mencionado temos a história do cego Estrelinho, seu guia, Gigito e a irmã, Infelizmina. Ao se deparar com as dificuldades do dia a dia, guerras, devastação e miséria, Gigito tentava melhorar a vida do amigo Estrelinho, inventando e descrevendo um mundo fictício, de fantasias e cheio de maravilhas para o amigo que nada enxergava: “A mão de Gigito conduziu o desvestido por tempos e idades. Aquela mão era repartidamente comum, extensão de um no outro, siamensal” (COUTO, 2012, p. 13). Estrelinho ficava feliz com essas fantasias, parecia até que ele podia ver o que, na verdade, não era possível:

– Que maravilhação esse mundo. Me conte tudo, Gigito! A mão do guia era, afinal, o manuscrito da mentira. Gigito Efraim estava como nunca esteve S. Tomé: via para não crer. O condutor falava pela ponta dos dedos. Desfolhava o universo, aberto em folhas. A ideação dele era tal que mesmo o cego, por vezes, acreditava ver. O outro lhe encorajava esses breves enganos: – Desbengale-se, você está escolhendo a boa procedência! (*Id., ibid.*, p. 13)

Um dia, porém, os dois amigos tiveram que se separar porque Gigito, mesmo sem idade, fora levado para prestar serviços militares na guerra. Assim, Estrelinho ficou sem a “luz dos seus olhos” que era o seu guia e amigo. “Desamimado, Estrelinho ficou presenciando inimagens, seus olhos no centro de manchas e ínvias lácteas. Aquela era uma desluada noite, tinturosa de enorme” (*Id., ibid.*, p. 14). No entanto, Gigito manda sua irmã, Infelizmina, para auxiliar na tarefa que antes ele fazia: “Não vai ficar sozinhandando por aí. Minha mana já mandei para ficar no meu lugar” (*Id., ibid.*, p. 14).

Infelizmina, porém, não tinha uma visão poética da vida e guiava o cego conforme a realidade, não inventava nada, descrevia tudo da mesma

forma que via. Com o passar do tempo Estrelinho definhava, “perdia os brilhos da fantasia, deixou de comer, deixou de pedir, deixou de queixar” (*Id., ibid.*, p. 15), até que, de tanta proximidade com a moça, ele passou a sentir outras sensações e desejos, permitindo-se envolver numa nova emoção. Estrelinho fez amor pela primeira vez, com Infelizmina, e se sentiu vivo novamente, na realização do desejo, na busca do prazer de viver.

Mas logo após saber que Gigito morrera na guerra, sua irmã perde a vontade e a alegria de viver: “A moça, essa, deixou de falar, órfã de seu irmão. A partir dessa morte ela só tristonhava, definhada” (*Id., ibid.*, p. 16). Estrelinho, já bem entusiasmado, retomou as lições do amigo e começou a descrever o mundo para Infelizmina, indo além da realidade, usando a imaginação e tornando o momento mais terno e tolerável para aquela moça e, assim, despertou o riso antes desaparecido, a satisfação de viver, amenizando a dor de Infelizmina.

A literatura escrita por Mia Couto pode ser, visivelmente, relacionada ao conceito de literatura menor. A primeira característica é, justamente, o forte coeficiente de desterritorialização da língua, percebida no uso da linguagem: a utilização de algumas palavras valorizando o lado estético, explorando sonoridade e imagem e até a presença de neologismo – palavras novas, como por exemplo: “maravilhação”, “desebengale-se”, “tristonhava”, “escurezas”, “inimagens”, “desluada”, “Infelizmina”, “sozinhand”, “sonoitada”, “miraginava”, etc.

Portanto, enquanto arte da palavra, a literatura menor dar lugar a essa linguagem incomum, criativa capaz de nos despertar curiosidades e riqueza de sentidos. Essa linguagem também representa o contexto de mudança de território que fora causada pela colonização europeia e também representa a singularidade uma comunidade; de uma realidade. Conforme Sílvio Gallo:

Toda língua é imanente a uma realidade. A literatura menor subverte essa realidade, desintegra esse real, nos arranca desse território, dessa tradição, dessa cultura. Uma literatura menor faz com que as raízes aflorem e fluem, escapando desta territorialidade forçada. Ela nos remete a buscas, a novos encontros e novas fugas. A literatura menor nos leva sempre a novos agenciamentos. (GALLO, 2002)

A linguagem expressa na literatura de Mia Couto, evidenciada no conto “Cego Estrelinho”, configura-se como a desterritorialização dos paradigmas, das tradições linguísticas. Configura-se ainda como um “desapriionamento” das raízes limitadoras, concedendo a emergência cultural da

realidade de um povo menor. É, de fato, a fuga para a criação do novo. O “sujeito pode reconhecer nos textos a problemática da literatura mesma que, assumindo a precariedade da linguagem e os (des)limites do literário, tem a oferecer a opacidade, ofuscando com a experiência estética da narrativa a experiência humana no mundo” (SILVA; MELO, 2015, p. 18).

Os aspectos políticos e coletivos também são evidenciados na narrativa, uma vez que o texto incorpora o contexto da guerra e do sofrimento vivido por aqueles que por ela são envolvidos. Esses aspectos podem ser percebidos com a morte de Gigito e o sofrimento de Estrelinho e Infelizmina:

De manhã chega a notícia: Gigito morrerá. O mensageiro foi breve como deve um militar. A mensagem ficou, em infinita ressonância, como devem as feridas da guerra. Estranhou-se o seguinte: o cego reagiu sem choque, parecia ele já sabendo daquela perda. A moça, essa, deixou de falar, órfã de seu irmão. A partir dessa morte ela só tristonhava, definhada. E assim ficou, sem competência para reviver. Até que a ela se chegou o cego e lhe conduziu para a varanda da casa. Então, iniciou de descrever o mundo, indo além dos vários firmamentos. Aos poucos foi despontando um sorriso: a menina se sarava da alma. (COUTO, pp. 16-17)

Essa passagem parece representar o trajeto difícil que vai desde a notícia da perda, passando pelo momento da dor, até o momento em que alma demonstra os primeiros indícios para uma possibilidade de cura. Esse trajeto, por já se tratar em si mesmo de um contexto de guerra, consegue representar, com destreza, a realidade que muitos moçambicanos, provavelmente, vivenciaram durante o período da guerra e o desejo de curar as feridas provocadas pela mesma.

4. Outros aspectos levantados para análise:

A *ação* (ou conflito) pode ser percebida desde o momento em que Gigito vai para guerra até sua morte. O *clímax* pode ser configurado pelo momento em que Infelizmina passa a ficar tristonha por causa da morte do irmão, a partir de então, Estrelinho, a fim de amenizar a dor da moça, começa a guiá-la para a visão de um mundo novo cheia de fantasias, com o seguinte desfecho:

E quando já havia desenvencilhado da tristeza ela lhe arriscou de perguntar: – Isso tudo, Estrelinho? Isso tudo existe aonde? E o cego, em decisão de passo e estrada, lhe respondeu: – Venha, eu vou-lhe mostrar o caminho! (COUTO, 2012, p. 16)

Quanto à passagem do tempo, esta é marcada cronologicamente porque aponta da época que Estrelinho nasceu e o mês de dezembro, data em que o guia foi levado para guerra, porém não se pode negar a presença do tempo psicológico ao apresentar os momentos de angústia e os sentimentos das personagens e definir, também, como eram antes e como se tornaram após a saída do Gigito.

As três personagens são:

- 1) Estrelinho – homem cego desde nascença, sonhador, curioso, e bastante reflexivo acerca da vida e de suas condições físicas;
- 2) Gigito – homem, menor de idade, amigo fiel e solidário de Gigito, irmão de Infelizmina, mentiroso, fantasioso e cheio de imaginação;
- 3) Infelizmina – irmã de Gigito, namorada de Estrelinho, “não tinha sabedoria de inventar”, descrevia tudo conforme a realidade.

O texto apresenta um narrador em terceira pessoa, ao que parece é onisciente, pois, demonstra saber muito dos sentimentos de Estrelinho: “O cego, curioso, queria saber de tudo. Ele não fazia cerimônia no viver. O sempre lhe era pouco e o tudo insuficiente” (COUTO, p. 13); e de quando Gigito passou a guiá-lo: “a mão de Gigito conduziu o desvitado por tempos e idades. [...] E assim era quase de nascença” (*Id.*, *ibid.*, p. 13), porém o narrador não participa no contexto da história.

- O lugar onde acontece a história quase não é especificado, foram citados apenas “berma” e “varanda da casa” o que aponta ser uma cidade pequena e a condição financeira das personagens.

5. *Temática e análise geral*

Nesse conto é visível a presença da literatura como ficção, o uso da imaginação para dar maior sentido e alegria à vida. A temática do conto nos faz refletir sobre a importância da imaginação e da fantasia para transformar o crivo da realidade em um mundo mais poético e nostálgico, tornando amenos os impactos causados pelos enfrentamentos cotidianos. O leitor é estimulado a repensar os aspectos difíceis da vida sob a ótica da literatura, e, dependendo do olhar que se lança, pode haver transformações benévolas no cotidiano do ser.

Para Antônio Cândido a literatura cumpre o papel de proporcionar prazer, pois o mesmo explicita que a criação ficcional e poética, que é a base da literatura, está presente em cada um de nós. Independentemente da idade, sexo, posição social, sentimos a necessidade de mergulhar no universo da ficção e da poesia, seja por meio de uma música, história, peça de teatro, um filme, etc. Nesta percepção o leitor se diverte, articula-se, delicia, fantasia, imagina e flutua no mundo da imaginação se abstraindo da realidade.

6. Considerações finais

A literatura menor tem sua importância na construção da subjetividade humana ou mesmo na desconstrução de certos paradigmas. Embora existam muitas discussões acerca do que deve ser lido em sala de aula – livro canônico ou não – independente do que as instâncias de legitimação consideram como literatura ou não, é viável a oferta de textos diversos, considerando que o mais importante é “garantir o espaço para a diversidade de textos e de leituras; que se garanta o espaço do outro” (ABREU, 2006, p. 111).

É importante que o professor apresente ao aluno possibilidades de, não somente expandir seu próprio campo cultural subjetivo, mas também conhecer e partilhar da cultura do outro, treinando a capacidade de compreender, refletir e analisar a realidade, não somente em seu caráter de totalidade, mas também particular. Trata-se, certamente, de uma tarefa árdua e processual, pois o docente precisa, de alguma forma, fazer o conhecimento fruir, construir uma relação harmoniosa para que haja uma interação simbiótica entre o professor, o corpo literário e o aluno na busca de novos saberes. É preciso criar, de fato, um campo de afetos para o exercício do *por vir*.

A literatura menor, na escola, sendo vista como meio de despertar a criação do novo, a imaginação singular, a afirmação de subjetividade, pode tornar amenos os impactos causados pelos enfrentamentos cotidianos e pode, ainda, ser um mecanismo de incentivo para engajamento político de alunos e professores em temáticas que recriem situações de vivências, para a compreensão dos fatos dos tempos presentes, para analisar a linguagem a partir de um caráter heterogêneo, e ainda, para abstrair as formas e construções singulares de vários textos, ampliando o vocabulário do aluno e colocando-o frente ao que é diferente, ao impressionante, à realidade do outro, ao reconhecimento do ato de contemplar e respeitar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura* / Márcia Abreu. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BATALHA, Maria Cristina. O que é uma Literatura Menor?. In: *Revista do Programa de Pós-graduação em Literatura*. V. 22, n. 35, p. 113-134, 2013. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10923/pdf_9 Acesso em: 25/10/2018

COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. 1. ed., São Paulo: Cia. das Letras, 2012. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=237390>>. Acesso em: 24/10/2018

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. In: *Rev. Educação e Realidade*. 27(2): p. 169-178 jul./dez. 2002. Disponível em:<<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/25926/15194>> Acesso em: 26/10/2018

MACIEL, Lilian Lima. O Fio e as missangas: um espaço insólito em Mia Couto. In: *Anais do SILIAFRO*. Vol. 1. EDUFU, 2012. Disponível em:<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosiliafro/wp-content/uploads/2014/03/artigo_SILIAFRO_37.pdf> Acesso em: 204/10/2018.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da; MELO, Márcio Araújo de. Em torno de Cego Estrelinho: contribuições da semiótica para as reflexões entre Literatura e História. In: *Revista de História e Estudos Culturais*, jan. –jun, 2015, Vol. 12. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF35/Artigo_14_Dossie_Luiza_Helena_Oliveira_da_Silva_e_Marcio_Araujo_de_Melo_Fenix_Jan_Jun_2015.pdf> . Acesso em: 24/10/2018.